

ROCHA PEIXOTO

# **OBRAS**

VOLUME I

ESTUDOS DE  
ETNOGRAFIA E DE ARQUEOLOGIA

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM  
1967

## A INTERPRETAÇÃO DO PRIMEIRO ENSAIO ARTÍSTICO (\*)

Os desenhos encontrados nas grutas ex-históricas deslocaram, para além das civilizações egípcias, a origem das primeiras manifestações da arte. Efectivamente, no inventário das cavernas a que a pesquisa científica tem procedido, acusaram-se fragmentos de ossos e de dentes com desenhos mais ou menos rudimentares, de entre os quais avulta, por uma notável precisão de contorno, a figura da rena e do mamute. Constatou-se, a par, que a imagem do homem, quando aparecia, era notavelmente grosseira de linha e de verdade e tão pouco não houve menção do vegetal como motivo de ensaio artístico. Esta documentação primeira do desabrochar da arte foi geralmente considerada como a revelação, em início, do espírito de observação e de imitação da natureza. Um naturalista russo, que aborda superiormente o assunto numa notável publicação científica, vê, contrariamente, nos preciosos esboços legados, a *produção dum instrumento de luta contra esta natureza*. O método de prova é o, já agora comumente seguido, da comparação do mobiliário pré-histórico com o do selvagem actual. Nota primeiramente que este mal distingue a representação subjectiva da realidade objectiva, firmado em que ele jamais supõe independente da substância orgânica a imagem que vê em sonho, confundindo até, num mesmo sentido e palavra, a ideia de alma, imagem e sombra.

Daí, uma mútua relação entre o objecto e a imagem, relação material que o conduz a comportar-se igualmente para uma e outra.

Taylor afirma que o selvagem pensa que o mal produzido à imagem se reflecte no próprio objecto; Waitz conta que certa tribo de África julga que parte da alma passa para o retrato; Lubbock refere que tanto mais a cópia é exacta quanto o perigo da passagem é maior: Charlevoix narra o facto de certos que desenhavam a figura daqueles de quem se queriam desembaraçar e lhe furavam a imagem; Taylor

(\*) Artigo publicado na revista *O Intermezzo*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 3 (Porto, 13 de Dezembro de 1890), pp. 1-2.

relata ainda que os indígenas de Bornéo modelam em cera a figura do inimigo e derretem-na ao fogo pensando que ele desaparece; Dubois menciona o caso de alguns índios inscreverem o nome do adversário no peito duma imagem que o representa e seguidamente mutilarem-no com o fim já sabido.

Ora os vestígios desta crença, e de outras análogas em que abunda a exposição pré-citada, encontram-se frequentemente na tradição europeia, posto que sob modalidades várias.

Na história tradicional dos sortilégios em Portugal poderíamos destacar inúmeros casos afins que enriquecem a superstição popular.

É o caso que, quando se consultam mulheres de virtude acerca dos meios que levem a efeito o mal ou a morte de alguém, elas requerem um fragmento dum objecto de uso, no qual se praticará o que é de desejo incida no inculcado. Para certa espécie de feitiçaria, obtém-se um sapo cuja boca se cose penetrando ao mesmo tempo no coração um ou mais alfinetes; tal a morte do sapo, tal a de pessoa em cuja intenção é feita a prática.

A fim de alcançar um lobisomem atira-se com pedras à sombra; se à de uma bruxa se espeta uma navalha, aquela não se move mais; apanhando com uma moeda uma pouca de terra da pegada de alguém, podem as feiticeiras obter a doença e até a morte da pessoa.

Dos factos enunciados e de tantos outros que se poderiam acumular, resulta, para o naturalista russo, a opinião de que a figuração dos animais teria, ao espírito do homem pré-histórico, uma significação diversa da geralmente admitida. Então que a rena não era ainda um animal domesticado mas cuja posse urgia obter para desta arte conseguir alimento, agasalho e armas que ela simultaneamente fornecia, a impressão figurativa do animal desejado na arma com que se lhe dava caça, exerceria um poder mágico, verdadeiro fetiche e penhor de successo; possuir a imagem seria quase estar de posse do objecto apetecido. E tantas mais probabilidades na aquisição quanto mais exacta de traço ela fosse.

O número restrito da figura humana, e sobretudo o seu mal acabado, intrigara já Broca que se limitara a registrar o facto achando-o muito característico.

O eminente antropologista chamara ao habitante das cavernas um homem pacífico, raramente em luta com o seu semelhante. Estará nisso a explicação — pergunta Lazar, o naturalista — da carência da sua imagem nos objectos pré-históricos? Assente a superstição enun-

ciada, ele não precisaria realmente de reproduzir a figura humana. É possível, pois, que a iniciação do homem na arte, longe de ser uma tendência natural do homem primitivo para a imitação artificial da natureza viva, não fosse mais do que o desejo de a submeter às suas necessidades, subjugando-a.